



CMYK



Tabagismo é doença

» TÂNIA CAVALCANTE
Secretária-executiva da Conica/Inca

» ANA CRISTINHA PINHO
Diretora-geral do Inca



Cigarros causam câncer e outras doenças graves. Mas lobistas da indústria do tabaco defendem que medidas para reduzir seu consumo reparam ativismo contra a produção de tabaco, caracterizando-o com o produto do agronegócio similar à soja e ao milho. Tentam, assim, obstruir a implementação da Convenção Quadro para Controle do Tabaco, tratado internacional de saúde ratificado pelo Congresso Nacional em 2005.

A convenção não proíbe o plantio de tabaco, planta que também pode ser usada na fabricação de medicamentos. Mas sua principal destinação é a produção de cigarros, que causa 7 milhões de mortes anuais no mundo. O objetivo da convenção é reduzir o consumo.

Os fabricantes reconhecem que seu negócio é nicotina, e o cigarro, seu produto mais eficiente para levar a droga ao cérebro e causar dependência. A neurociência classifica o tabagismo como doença do cérebro, porque afeta neurônios responsáveis pela sensação de recompensa e motivação, resultando na perda do controle sobre o uso da droga.

Em cada tragada, substâncias tóxicas e cancerígenas adentram pulmões e sangue dos fumantes, minando continuamente células e órgãos.

Aqueles que os culpam pelas doenças que desenvolvem desconsideram que a iniciação no tabagismo ocorre em massa na adolescência. No Brasil, 80% dos fumantes começaram a fumar até os 18 anos. Verdadeiras arapucas foram construídas para capturá-los: sedutoras propagandas enaltecendo os cigarros; aditivos com sabores

adocicados mascarando o gosto ruim; e as belas embalagens exibidas em prateleiras ao lado de guloseimas.

Paralelamente, aliados políticos dessa indústria procuram emperrar a tramitação de leis para prevenir a iniciação no vício. Quando aprovadas, litígios protelam a implementação, a exemplo da ação de inconstitucionalidade movida em 2012 por fabricantes contra a medida da Anvisa proibindo sabores em cigarros, que continua suspensa por liminares.

Os argumentos são velhos conhecidos: "aumentarão o contrabando de cigarros" ou "prejudicarão os produtores de tabaco". As mesmas empresas que repetem esses mantras obstrucionistas são processadas em outros países por fraudes e envolvimento no contrabando de cigarros. Mas pressionam o governo federal e os estaduais a reduzirem os impostos sobre cigarros como panaceia para combater o contrabando.

O aumento de IPI sobre o cigarro respondeu por 50% da redução do tabagismo no Brasil, explicando tamanho antagonismo contra a medida. Recentemente o Brasil ratificou o Protocolo para Eliminar o Mercado Ilegal de Cigarros, importante instrumento de cooperação internacional para enfrentar o crime organizado, que está na raiz do problema.

Será a resposta mais eficaz contra o contrabando.

As mesmas empresas multinacionais controlam 150 mil pequenos agricultores familiares que produzem tabaco no Sul do Brasil. Reféns de dívidas que jamais conseguem quitar, os produtores e suas famílias

são também vítimas de doenças ocupacionais como a intoxicação pela nicotina da folha absorvida pela pele na colheita. As regiões fumageiras registram os maiores índices de depressão e suicídio entre agricultores, segundo dados do Ministério da Saúde. Esse quadro tende a se deteriorar. Ao contrário dos alimentos, que sempre terão mercado, a demanda global e nacional por cigarros está caindo, situação preocupante, pois 90% do tabaco produzido é exportado. Grandes fabricantes de cigarros já diversificaram os negócios e anunciam que deixarão de produzi-los. Eles serão substituídos por produtos como cigarros eletrônicos, que não usam tabaco em folha ou usam um volume muito pequeno.

O Programa de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco, em implementação pelo governo federal, demonstrou que outras atividades podem ter rentabilidade igual ou superior ao tabaco. Mas o programa ainda precisa ampliar sua cobertura.

O tabagismo continua matando 157 mil brasileiros por ano. O custo anual chega a R\$ 57 bilhões, enquanto a arrecadação de impostos sobre cigarros é inferior a R\$ 13 bilhões. Os números seriam piores se a proporção de fumantes na população brasileira não tivesse caído de 35% em 1989 para os atuais 10%.

Os que obstruem a convenção, na verdade, não defendem os meios de vida dos produtores de tabaco nem contribuem para reduzir o contrabando de cigarros. Apenas prestam serviço às empresas multinacionais cujos elevados lucros dependem da capacidade de causar tabagismo, grave doença pediátrica.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

As agruras do homem cordial

Por sua importância e dada a concentração de poderes, quase uma espécie de monarquia, ocupar o cargo de presidente da República em nosso país não é tarefa das mais fáceis. Pelo contrário, trata-se de uma missão que poucos, ao longo de nossa história republicana, deram conta do recado por todo o período legal. As características próprias de nossa República, envoltas num chamado presidencialismo de coalizão, no qual a governabilidade só é possível a partir de certos afagos na base de sustentação política do governo, requer de um presidente eleito uma tão larga experiência política que o ideal seria que a esse cargo só pudessem se candidatar e concorrer indivíduos que anteriormente tivessem sido administradores de grandes metrópoles, bem avaliados pela população.

Com isso, o número de candidatos plenamente capacitados a exercer a presidência seria reduzido, ao mesmo tempo em que melhoraria a qualidade dos postulantes, diminuindo sensivelmente também os riscos de crises cíclicas. Sem expertise nas intrincadas funções requeridas pelo Poder Executivo, as chances de insucesso e de prejuízos para a nação são quase certas. Como o ideal é sempre um horizonte distante e inatingível, prosseguimos entre uma crise e outra, aprendendo, como se diz popularmente, "no tranco".

O instituto da reeleição foi um desses mecanismos pensados justamente para permitir que um governante pudesse, em seu primeiro mandato de quatro anos, apenas aprender a governar e só num segundo período, de mais quatro anos, exercer plenamente e com sabedoria a administração do país.

Uma análise histórica isenta sobre a atuação de nossos chefes do Executivo desde a fundação da República, em 1889, demonstra, de forma clara, que foi a flagrante in experiência, aliada, algumas vezes, ao voluntarismo e à má-fé, que geraram todas as crises políticas que experimentamos desde Marechal Deodoro da Fonseca. Com exceção dos governos militares, eleitos de forma indireta pela população, somente Juscelino Kubitschek e talvez Fernando Henrique Cardoso lograram iniciar e concluir seus mandatos sem maiores traumas para o país.

Obviamente que não basta experiência administrativa para administrar um país complexo e continental como o Brasil. Além de conhecer o que é uma folha de pagamento ou questões de balanço, com ativos e passivos financeiros, um presidente deve possuir uma enorme vivência e tino político, para enfrentar, com firmeza, poderosos grupos de pressão, que a toda hora batem à porta do governo em busca de vantagens de todo tipo.

Diante de um cenário dessa natureza, não causa surpresa que o governo de Jair Bolsonaro, que agora se inicia, comece também a experimentar os primeiros sinais de desgaste interno.

» A frase que foi pronunciada:

“Escolher o seu tempo é ganhar tempo.”

Francis Bacon, político, filósofo, cientista e ensaísta inglês.

Emoção

» Entusiasmada como sempre, Giselle Santoro estava pronta para ensaiar as dançarinas na sala do teatro que leva o nome de seu marido. Mas, quando viu que Eldom Soares, regente do Ad Infinitum, estava como seus cantores ensaiando o Choro Nº 10 de Villa-Lobos, deixou que a turma continuasse. Essa foi a primeira peça que Claudio Santoro regeu no Teatro Nacional que hoje leva o nome do maestro.

Já é hora

» Por falar em Teatro Nacional, é uma tristeza ver que até hoje Brasília não teve um governador sensível às artes como merecia ter. Deixar um espaço desses sem uso é encarecer a reforma e distanciar o dia da reinauguração. Mas para os artistas, otimistas por natureza, a esperança nunca morre.

SOLidários

» Salve a Si é o nome da ONG com um trabalho importante para a cidade. Toda quinta-feira, à noite, no Setor Comercial Sul, dá assistência às pessoas que moram na rua. Além de uma sopa quente, são oferecidos cortes de cabelo, local para banho, roupas. O grupo convida corais da cidade a tomar parte da agenda, alegrando essas vidas. Contato com a Janúbia pelo telefone 991894320.

Poeta inquieto

» Pavarotti do Sertão. O Sindilegis lembra que foi Ariano Suassuna quem deu esse apelido a Oliveira de Panelas. Veja no blog do Ari Cunha os detalhes da apresentação franqueada ao público que será em 21 de fevereiro, a partir das 19h, na sede do sindicato, na 610 sul. A 3ª Noite do Cantador trará outros artistas que farão repentes, recitarão poesias e escritores de cordel darão autógrafos. O soldado por traz dessa missão de paz é Nonato Freitas.

» História de Brasília

Dentre a luta classista, há deslealdade. O que todos deviam fazer, seria lutar pela igualdade de condições, e não procurar retirar de uns, as vitórias que conseguiram em benefício da classe... (Publicado em 10.11.1961)

Kiss, Mariana e Brumadinho: a tragédia bate à porta

» ANTÔNIO GERALDO DA SILVA
Presidente da Associação Psiquiátrica da América Latina (Apal), diretor e superintendente técnico da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)

ANTÔNIO MARCOS ALVIM SOARES JÚNIOR
Tenente médico do Quadro de Oficiais da Saúde da Polícia Militar de Minas Gerais, associado titular da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)

Desde o dia 25, o Brasil está voltado para o desastre ocorrido em Brumadinho, Minas Gerais. À semelhança de outras tragédias recentes, como o incêndio na Boate Kiss e o rompimento da barragem do Fundão em Mariana, o acontecido em Brumadinho ainda ecoará durante muito tempo no coração e na mente dos brasileiros. Catástrofes como essas geram consequências a curto, médio e longo prazo.

Ainda que em um primeiro momento se deva buscar garantir a integridade física dos indivíduos, o sofrimento psicológico não pode ser negligenciado. Comparados aos impactos físicos (como lesões e mesmo mortes) os que interferem na saúde mental são mais amplos e, em geral, mais debilitantes. Além disso, um número maior de pessoas é afetado na saúde mental do que por lesões físicas. Não apenas a população de sobreviventes, mas também familiares e pessoas envolvidas no resgate às vítimas, profissionais da imprensa, policiais, bombeiros civis e militares, médicos e profissionais da área da saúde em geral podem desenvolver sintomas típicos em reação ao trauma.

Quase todas as pessoas expostas a um desastre natural experimentarão níveis aumentados de medo e angústia imediatamente após o trauma. Tais sintomas tendem a diminuir ao longo dos dias. É esperado que, aos

poucos, o acontecimento doloroso seja integrado na história do indivíduo, permitindo a reorganização da vida.

Contudo, em algumas pessoas, os sintomas tendem a permanecer por período maior, prejudicando o retorno às tarefas diárias. Ainda que a apresentação do quadro varie entre os indivíduos, muitos podem apresentar queixas de distanciamento emocional, incapacidade de recordar-se de alguns aspectos importantes do evento traumatizante e lembranças angustiantes e involuntárias do fato, na forma de pesadelos ou flashbacks. Alterações do comportamento padrão, além de certa irritabilidade e surtos de raiva, também podem estar presentes, bem como reações de sobressaltos.

Todos podemos amparar as vítimas do trauma, permitindo que desenvolvam as forças internas para iniciar o processo de recuperação, auxiliando no entendimento das emoções, como raiva, angústia e tristeza. A escuta das preocupações acerca de certos assuntos, incluindo casas, membros da família ausentes ou bens perdidos, é importante passo. Sem julgamentos ou lições de moral, mas respeitando a cultura e os costumes dos indivíduos. Orientar e indicar tratamentos médicos, sem preconceito, também é forma de ajudar. Profissionais especializados são treinados para identificar

sintomas e encaminhar o paciente para recuperar a vida normal.

É importante ressaltar que expor a pessoa novamente ao trauma ou fazê-la contar em pormenores aquilo que viveu não é adequado, especialmente em pacientes com quadros psiquiátricos já instalados, em tratamento ou não, pacientes com risco de suicídio e intenso sofrimento. Ajudar a fortalecer as habilidades de resiliência, ampliando os laços com a família e amigos; aceitar que as mudanças daqui pra frente serão uma experiência contínua; auxiliar no desenvolvimento dos próprios planos de recuperação pessoal são algumas medidas de apoio.

Muitas vezes, contudo, a vivência de desastres pode gerar sentimentos de culpa, inutilidade e até mesmo de agressividade dirigida a si e a terceiros. Sintomas depressivos e abuso de substâncias devem ser investigados, e pacientes com risco de suicídio têm de ser hospitalizados por segurança. Precisamos lembrar que o acompanhamento de longo prazo dessa população é uma das áreas mais negligenciadas na resposta a desastres, merecendo especial atenção do poder público, sendo a saúde mental a mais afetada a curto e longo prazo, principalmente pelo esquecimento que cai sobre o fato com a ausência da imprensa. Vamos juntos tentar mudar essa história.



CMYK